

A queda de Collor nas pesquisas

por José Casado
de São Paulo

Os institutos Ibope, do Rio, e Vox Populi, de Belo Horizonte, devem divulgar nas próximas 72 horas pesquisas de intenção de voto que indicam uma inédita queda da preferência dos eleitores por Fernando Collor de Mello, candidato do PRN à Presidência da República, há seis meses liderando todas as sondagens eleitorais com um mínimo de 40%.

Collor já recebeu os resultados das primeiras tabulações dessas pesquisas, feitas depois de iniciada a propaganda eleitoral na televisão e no rádio.

De acordo com o quadro que dispunha ontem, a tendência é de que o Ibope encerre sua sondagem com uma queda para 37% em relação aos 42% registrados na semana fechada em 2 de setembro, a última divulgada.

O Vox Populi, que trabalha para Collor, estaria sinalizando um declínio para 35% em comparação com os 41,1% apurados na semana encerrada em 8 de setembro.

Numa avaliação com assessores, o candidato, que ontem passou o dia em São Paulo, chegou à conclusão



**Fernando Collor
de Mello**

de que tais resultados, aparentemente, são "melhores do que anunciavam algumas projeções".

Uma delas indicava que Collor poderia

(Continua na página 7)

A rejeição da emenda que tornava obrigatória a admissão de juízes leigos nos Juizados Especiais e de Pequenas Causas pode inviabilizar esses foros de administração rápida e barata da Justiça. Ontem, abriu-se mais um concurso público para a contratação de juízes no estado.

A queda de Collor nas pesquisas

por José Casado
de São Paulo

(Continuação da 1ª página)

chegar a esta semana — a primeira da propaganda na TV e no rádio — com apenas 28% de preferência entre os eleitores já definidos e nesse tipo de pesquisa, em que o eleitor é convidado a fazer uma escolha num cartão com a relação de todos os candidatos.

Conformado, Collor foi à noite visitar um reduto adversário, a Associação Comercial de São Paulo, entidade com 30 mil empresários filiados que tem dois ex-presidentes competindo nessa corrida sucessória — o deputado federal Guilherme Afif Domingos e o ex-governador Paulo Salim Maluf.

“Política não sei fazer, mas administrar dá para o gasto”

Ali enfrentou a curiosidade coletiva sobre suas propostas concretas — “em detalhes”, como insistiram os debatedores — para comandar um processo de retomada do crescimento econômico.

“O senhor, afinal, pagará, não pagará, renegociará e de que forma a dívida externa brasileira?”, indagou, por exemplo, Ercilio Ramos, diretor da entidade.

“Política eu não sei fazer, mas administrar acho que dá para o gasto, então vejamos o que aconteceu comigo quando fui governador de Alagoas”, respondeu Collor, acrescentando: “Quando assumi, tinha uma folha de pagamento de quinhentos mil cruzados, a preços da época, e uma arrecadação líquida de cento e vinte mil, com 70% do endividamento vencendo nos primeiros seis meses do meu governo”.

Prosseguiu: “Renegociei tudo. Tinha um banco estrangeiro no meio, com apenas três agências no País, com um contrato no qual cobrava juros de 2.800% ao ano. Chamei o representante para uma conversa. E perguntei: ‘Por que juros tão altos?’ Ele explicou que os juros eram altos em função da dúvida que tinham, se receberiam ou não de Alagoas. ‘Este é um risco muito alto’, ele disse. Respondi: ‘O senhor acertou em cheio, o risco é alto mesmo, porque esse contrato eu não pago’. Negociamos duramente, até que um dia ele disse que o banco aceitava reduzir os juros de 2.800% para 700% adaptando o vencimento das parcelas à sazonalidade da arrecadação que é característica da economia do Estado”.

Para dar uma idéia mais precisa do que pensa em fazer, caso seja eleito, continuou contando um recente encontro seu com representantes de bancos estrangeiros, no Rio.

“Expliquei para eles que pretendo uma renegociação ampla e séria, descentralizada (cada estatal, estado ou município faria gestões diretas com seus credores), se necessário, retirando o aval da União desses contratos. Eles ficaram preocupados, e eu disse que entendessem isso como uma senha para a ampla renegociação que pretendo fazer.”

“Então, eles quiseram saber” — continuou — “se eu teria uma outra propos-

ta. Respondi que, primeiro, teria de ganhar a eleição. Mas, como insistiram, acabei dizendo que achava razoável uma renegociação com 40 anos de prazo, 20 de carência e juros de 4% ao ano. Fiquei esperando uma crítica, mas eles responderam que achavam interessante e que podíamos conversar sobre isso. Senti que tinha feito uma má proposta, mas percebi, também, que dá para fazer uma negociação séria, com um governo limpo, um governo que não cobre propinas.”

O problema, observou outro diretor da Associação Comercial, Miguel Ignatius, é que o candidato Collor não tem uma equipe, seu partido é muito pequeno.

O candidato do PRN ironizou: “O PMDB e o PFL, que teoricamente tinham os maiores e os melhores quadros do País, estão aí, se juntaram, se consorciaram nessa ‘Nova República’ e deu no que deu, nunca vi fracasso maior”.

Collor diz que, na montagem de sua eventual equipe de governo, “não vou pedir ‘carteirinha’, vou apenas querer saber quem a pessoa é e se, ideologicamente, tem essa concepção que tenho (do Estado), se serve ou não para determinada área”.

Mas não abre mão de sua idéia de unificar a área econômica do governo: “Com as medidas que vamos adotar, vamos precisar de um comando único. Isso não inclui a agricultura. Mas nessa área existem 12 órgãos que atuam simultaneamente e se sobrepõem. Temos órgãos na área agrícola, como a Comissão de Financiamento da Produção (CFP), que são um antro de corrupção. Antro de corrupção mesmo”.

“Na área agrícola temos a CFP que é um antro de corrupção”

“Há pouco tempo”, continuou, “fui visitar um projeto agrícola em Formoso Araguaia, onde havia arroz apodrecendo porque a CFP e o Ministério da Agricultura estavam brigando sobre o preço de faturamento. Ora, os armazéns do governo estão vazios porque estão sendo alugados à iniciativa privada, particulares. Mas há um escândalo maior, o do frete. A CFP contratou a Rede, que contratou, sem licitação, uma empresa particular que só em 1988 ganhou, líquidos, vejam bem, líquidos, US\$ 300 milhões na transferência de estoques de uma cidade para outra. Ela recebe 100 vezes mais do que paga a um caminhoneiro. E roubo mesmo, minha gente. Dizem que sou rude quando falo essas coisas, mas rude é o que eles estão fazendo conosco. E ninguém é responsabilizado”.

O candidato do PRN admite que suas propostas para o País sair da crise que enfrenta não são, na realidade, muito diferentes das formuladas pela maioria dos 21 candidatos. “Até porque não há como puxar uma solução de uma cartola mágica.”

A diferença, na sua visão, existiria na forma: “Ela está na coragem de fazer a mudança que o País precisa. E este país necessita de um governo que tenha vergonha na cara”.